

Sem hesitar, escolho Molière

Richard Foreman*

Sempre pensei que escolhíamos verdadeiramente o nosso campo optando por Shakespeare ou por Molière. Sem hesitar, escolho Molière. Para mim, Shakespeare parte de um sistema preestabelecido e, dentro dos limites impostos por este sistema, joga ao pequeno jogo da estratégia política, opondo indivíduos, nações ou facções em combates com vencedores e vencidos, ao que acresce, em geral, um acto de vingança que conduz à reviravolta final. Mas este tipo de jogo nunca me pareceu interessante. Em contrapartida, sempre me senti fascinado pelos autores que procuram abordar os comportamentos humanos a um nível bastante mais fundamental ou primário.

Com Molière, tenho o sentimento de me confrontar não tanto com o jogo social e as estratégias (aos meus olhos, aborrecidas) que o caracterizam, mas muito mais com um questionamento dos fundamentos exactos de “como vivemos a nossa vida” com a necessária estupidez (ou seja, a intensa teatralidade) que caracteriza sempre este tipo de iniciativas desesperantes.

Como ser “moral”, ou um burguês digno, como legitimar as perversidades da paixão, como se submeter ou submeter os outros a uma educação ou a uma disciplina que permita estabelecer as regras do jogo – eis o que me agrada, eis o que me atrai: ir ver o que existe por trás para tentar apanhar o mecanismo – por oposição aos que depois se contentam em funcionar no interior de um conjunto de regras já constituídas (ou seja, no meu entender, Shakespeare, Ibsen, e quase todos depois deles).

A estratégia shakespeariana é-me estranha. As suas intrigas de conquista do poder parecem dar lugar a desenvolvimentos tão grosseiramente previsíveis que não têm qualquer efeito estimulante na minha própria criatividade. Mas os absurdos imbróglis molierescos, que reflectem a dificuldade de criarmos um código moral, relacional, intelectual, ou espiritual, e os esforços realizados para nos adaptarmos a esta realidade, para a encarnarmos, ou a evocarmos – esse, sim, é um teatro que me inspira. E, aos meus olhos, Molière é o génio absoluto deste tipo de tática teatral. É neste terreno que eu próprio tento também situar-me.

* “Sans hésiter, je choisis Molière”. *OutreScène: La Revue du Théâtre National de Strasbourg*. N.º 5 (Mai 2005). p. 85.

Trad. Alexandra Moreira da Silva.